Sobre a Educação Física e o Esporte da Bahia.

¹Francisco Moreira Costa - Mestre em Desenvolvimento Humano e Responsabilidade Social – Fundação Visconde Cairú.

Instituição: UNIME – União Metropolitana para o Desenvolvimento da Educação e Cultura – Lauro de Freitas – Ba.

Email: franciscomoreiracosta@gmail.com / francisco.costa@kroton.com.br

INTRODUÇÃO

Século XXI ano 2021 plena pandemia da Covid-19 o ser humano sofre de semi-imobilismo. Hoje refletia referente à minha juventude na escola fundamental – Escola Técnica Federal da Bahia e no ensino médio – Centro Integrado Anísio Teixeira, lembro-me o quanto mobilizava meu corpo com a prática da Educação Física e a participação na equipe de Handebol da escola, nestes tempos não havia dispensa da educação física escolar mesmo os estudantes que participavam destas equipes esportivas, adoravam, pois representava a escola, a satisfação em vestir a camisa do time da escola. Treinava-se três vezes por semana e participava da Educação Física duas vezes por semana nem por isto achava ruim, muito pelo contrário, pois a energia era muito grande.

Os anos se passaram a Educação Física e o esporte escolar no estado da Bahia vem sofrendo este imobilismo?

Estudante do ensino fundamental no final da década 60 e ensino médio na década de 70, em plena fase da Educação Física Competitivista às vezes ministradas por alguns professores de Educação Física formados pelo PREMEN, na década de sessenta, estimulados pelo disposto no artigo 100 da Lei Federal nº 4.024/61, uma série de experimentos educacionais ligados à Educação Profissional foi implantada no território nacional, tais como o GOT (Ginásios Orientados para o Trabalho) e o PREMEN (Programa de Expansão e Melhoria do Ensino) e até professores militares.

Na sua grande maioria Tecnista em função das concepções daquela época. Hora, o termo Tecnista segundo dicionário; que se refere, pertence ou é própria do tecnicismo,

valorização exagerada de recursos técnicos ou tecnológicos. Que se atenta exageradamente os detalhes; muito específico. Substantivo masculino e feminino, pessoa que tende a se expressar usando termos técnicos, específicos de uma área (SILVA et al., 2021).

Referindo-me a este termo a aprendizagem se dava através de repetições, o aluno apenas obedecia, repetia movimentos sem direito a criar e recriar, pois o professor sempre foi o centro das atenções o aluno era passivo. Mesmo nesta realidade aconteciam às aulas de Educação Física, os treinos de diferentes esportes, os jogos amistosos como preparação entre as escolas, umas visitavam as outras, boa oportunidade de conhecermos outras pessoas, conversar, somar experiências.

Anualmente eram realizados os campeonatos escolares, as Olimpíadas escolares da primavera com a participação de muitas escolas públicas e particulares de diferentes municípios do estado, os alunos tinham atividades esportivas durante todo período escolar. Imensa e intensa mobilização nas escolas, treinos, mesmo assim continuávamos a participar das aulas de Educação Física estimulada e orientada por meio das concepções tradicionais, metodologias tecnicistas, entretanto os professores/técnicos trabalhavam com responsabilidade, comprometimento, respeito aos alunos, não faltavam às aulas, repito mesmo com poucos conhecimentos pedagógicos.

Reforço à compreensão termo competitivista na perspectiva pedagógica aplicada fortemente entre os anos 1960 e 1970, com a ideia central de fortalecer o liberalismo social. Educação Física Competitivista esta concepção que segundo

os críticos e estudiosos desenvolvia e valorizava o treinamento dos diferentes esportes, apresentando tais modalidades como vínculo direto ao alto rendimento e do esquecimento a função social pedagógica da Educação Física. Destacavam-se como características negativas a competição exacerbada, a preocupação e desenvolvimento do individualismo, na qual apenas a vitória interessava na direção do pódio e finalmente vencer no esporte e na vida.

A partir da década de oitenta começava um grande e importante movimento dos professores estudiosos e pesquisadores referentes às mudanças na percepção e nas concepções pedagógicas na Educação Brasileira, nesta tendência a educação física também acompanhava tais mudanças, foi à chegada da era **pedagogicista, neste sentido tal termo significa**; Educação Física Pedagogicista é, pois, a concepção que vai reclamar da sociedade a necessidade de encarar a Educação Física não somente como prática capaz de promover saúde ou disciplinar a juventude, mas ser uma prática eminentemente educativa (MELO, 2007).

Estudos significativos aconteceram e acontecem, entretanto, algo muito estranho paira na maioria das aulas de Educação Física e nos esportes nas escolas, ao contrário dos professores tecnicistas descrito no início deste documento, professores formados nas escolas de ensino superior, com pós-graduação, mestrado e até doutorado em diferentes áreas das perspectivas atuais na Educação Física.

Aparentemente os senhores do conhecimento da Educação Física ao se depararem nas escolas tem transformado as aulas de educação física em um grande fosso entre a prática e a vontade do aluno. Será má vontade? Falta de comprometimento? Será experiência no chão da quadra? Ou mesmo o desconhecimento de relacionar a teoria aprendida com a prática? As aulas de Educação Física e a prática dos esportes chegaram ao fim? Estes professores não executam o verdadeiro papel realizado no juramento na colação de grau? Muita teoria, pouca ou nenhuma prática sem a mínima vontade das práxis tão cantadas nas salas das universidades (COSTA, 2005).

Nesta direção escrever sobre o esporte e a educação física são em si um ato paradoxal. Na maioria das vezes quem escreve ou lê sobre, Atletismo, Basquetebol, Boxe, Ciclismo, Futebol, Handebol, Natação, busca o pulsar emocional de uma grande

jogada, um eco da alegria incontida na vivência em um desses esportes, entretanto as frias letras de um escrito são a morte do esporte.

Para o indivíduo que já praticou pelo menos um esporte na escola ou fora dela, já assistiu a uma partida final, já tremulou suas emoções ao ver ou fazer um gol, uma cesta, diminuir o tempo na pista ou na piscina, é fácil dizer em poucas palavras o que é este sentido de emoção.

Quase sempre é capaz de registrar fielmente as suas sensações. Isto não é difícil. Difícil é perceber que existe sempre uma distância entre a realidade e o que se escreve dela. Ou melhor, a realidade escrita é uma, a do objeto descrito, outra. Mas no caso da educação física e do esporte é pior, porque não se escreve sobre um objeto que não responde. A respeito deles é possível escrever sobre seu movimento, suas significações individuais e coletivas do seu acontecimento. Há uma marcha incerta de uma das mais importantes características humanas; a intencionalidade.

Um jogo é muito mais que a bola, o campo, a quadra, a piscina, a pista e os jogadores. Um jogo é muito mais que as jogadas. Aqui o humano vivencia diferentes emoções, vitórias, derrotas, e mais a herança cultural do imaginário. Nessas explosões e implosões quando se tenta explicar cartesianamente o movimento do esporte percebe-se que qualquer esporte possibilita o humano; um instante no qual o homem está presente por inteiro, com todas as sensações e inclusive sua razão.

CONCLUSÃO

Necessita-se assim mais uma vez repensar a Educação Física e o Esporte na Bahia e talvez no Brasil, pois a ideologia, a prática desempenhada durante a história com expoentes avanços tecnológicos, nobres estudos, e consciência dos professores que passaram de centro das atenções para mediadores das decisões nas aulas, em contra partida urge a necessidade desses professores mediadores e apoiadores de concepções inovadoras na área do conhecimento da educação física e dos esportes nas escolas, passem a por literalmente a mão na massa. Infelizmente a realidade no estado da Bahia é o imobilismo da prática da educação física e dos esportes. Mesmo antes da pandemia do Covid-19 a Educação Física Escolar da minha querida Bahia já sofria da pandemia do imobilismo.

REFERÊNCIAS

COSTA, M. F. **Atleta de Alto Rendimento ou Atleta de Alto Risco?** (Dissertação de Mestrado), Fundação Visconde de Cairú (FVC) – SSA – Ba, 2005.

MELO, V. A. **História Comparada do Esporte** – Rio de Janeiro: Shape, 2007.

SILVA, L. S.; FERREIRA, M. A.; OLIVEIRA, L. M. F. T.; RODRIGUES FILHO, E. A.; LEÃO, I. C. S. Por onde anda o esporte escolar em Pernambuco? **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 19, n.1, jan./abr. p. 1-6, 2021.